

# ENTRE OS ESTUDOS CULTURAIS E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: FONTES DE INFORMAÇÃO COM A TEMÁTICA ÉTNICO- RACIAL

## ENTRE LOS ESTUDIOS CULTURALES Y LA CIENCIA DE LA INFORMACIÓN: FUENTES DE INFORMACIÓN CON LA TEMÁTICA ÉTNICO-RACIAL

Thais Helen do Nascimento Santos\*  
Mirian de Albuquerque Aquino\*\*

### RESUMO

**Introdução:** A informação, como fenômeno social, histórico e cultural, demanda a aplicação interdisciplinar para maior e melhor compreensão de seus fundamentos e práticas. Não obstante, seu espaço de cientificidade se concentra nas Ciências Sociais, incorporando temas relacionados à dinâmica sociocultural aos estudos da Ciência da Informação.

**Objetivo:** O objetivo do estudo é o de estabelecer o elo teórico e prático entre a Ciência da Informação e os Estudos Culturais para caracterizar as fontes de informação relacionadas com a temática étnico-racial.

**Metodologia:** Para tanto, recorreremos à revisão de literatura nas áreas de Ciência da Informação, Estudos Culturais, Sociologia, Antropologia e Filosofia.

**Resultados:** O resultado dessa aplicação interdisciplinar destaca a informação como um artefato cultural capaz de exprimir elementos simbólicos do grupo social produtor.

**Conclusão:** Ressaltamos a proeminência da abordagem sociocultural da Ciência da Informação para minimizar as práticas racistas à população negra.

**Palavras-chave:** Ciência da informação. Estudos culturais. Abordagem Sociocultural da ciência da informação. Fontes de informação. Étnico-racial. População negra.

\* Doutoranda em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais pela Universidade do Porto (UP). Bolsista de doutorado da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). E-mail: [thaisnascimento.inf@gmail.com](mailto:thaisnascimento.inf@gmail.com)

\*\* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: [miriabu@gmail.com](mailto:miriabu@gmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

O fenômeno informacional envolve artefatos sociais e é um produto de sentido. Para o seu entendimento se faz necessário perpassar as dinâmicas das relações e práticas sociais que direcionam as formas de expressão, comunicação, registro, organização, disseminação, acesso, uso e apropriação de informação, ou seja, os aspectos culturais. A esse respeito, Marteleto (1995) afirma que a informação se refere ao modo de relação dos sujeitos com a realidade e aos artefatos criados pelas relações e práticas sociais. Nas palavras da autora, a informação é um fenômeno de complexa configuração ou previsão que pode ser “entendida como processo ou produto, [...] [sendo] sempre uma “probabilidade de sentido.” (MARTELETO, 1995, p. 2).

Que relação tem a informação com a cultura? Na perspectiva dos Estudos Culturais, o termo ‘cultura’ sempre esteve em crise e contribuiu para que este conceito abandonasse um viés eminentemente material, mas incluísse acepções em torno das crenças, valores e princípios que legitimam o estabelecimento de políticas, condutas éticas, manifestações religiosas, danças, formas de alimentação, vestimentas e linguagens (EAGLETON, 2005). Sendo assim, a ideia de cultura passou a considerar todas as culturas. Ela tornou-se “total porque pensa a cultura como universo de sentido [estando] submetida a processos de produção e de circulação, como capaz de exercer efeitos nas relações de força sociais.” (MATTELART; NEVEU, 2004, p. 91).

As transformações da compreensão da cultura foi o foco de estudo de diversos pesquisadores. Os primeiros esforços surgiram no campo da Literatura com Thomas Carlyle, Matthew Arnold e Frank Raymond Leavis. Posteriormente, emerge a perspectiva moderna dos Estudos Culturais que rompe com as ideologias culturais baseadas, apenas, ao capital literário. Tal transformação culminou na ampliação do leque do cultural com as relações de poder, com a construção de

ideologias, identidades e formas de resistência através dos grupos sociais. Os pesquisadores que se sobressaem nessa nova óptica de análise são Edward Thompson, Raymond Williams e Stuart Hall, considerados os pais fundadores, os quais, conjuntamente com Richard Hoggart, fundaram o *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) na Universidade de Birmingham, em 1964.

Com ênfase na 'evolução' dos estudos acerca da cultura, a abordagem antropológica (BOURDIEU, 1992; GEERTZ, 1978; MARTELETO, 1995, 2007) fornece o arcabouço elementar para compreendermos os modos de relacionamento dos sujeitos em seu campo. A relação entre os sujeitos se dá pelos processos de interação informacionais e comunicacionais, os quais envolvem as políticas, as ideologias, as identidades, as linguagens, as palavras e os conceitos que produzem o sentido tanto em elementos materiais quanto em elementos simbólicos (BOURDIEU, 1992; GEERTZ, 1978; MARTELETO, 1995).

As imbricações entre a informação e a cultura aparecem no contexto das práticas sociais e informacionais e nas manifestações e cotidianidades da expressão do cultural (ESCOSTEGUY, 2010), dentre outros. Assim, a informação é compreendida como elemento de construção de artefatos, os quais são os recursos considerados como elementos de evocação da memória (RICOEUR, 2007).

Nesse contexto, o objetivo deste estudo é o de estabelecer o elo teórico entre a Ciência da Informação e os Estudos Culturais a fim de delinear as características que configuram as fontes de informação acerca dos aspectos culturais étnico-raciais. A metodologia empregada consiste na revisão de literatura nas áreas de conhecimento da Ciência da Informação, Estudos Culturais, Sociologia, Antropologia, bem como da Filosofia.

Além desta introdução, a estruturação do artigo segue uma lógica conceitual composta pela revisão da cultura no campo dos Estudos Culturais e da abordagem sociocultural que assume a informação,

fenômeno de estudo da Ciência da Informação. Desse modo, nos munimos dos pressupostos teóricos necessários a caracterização das fontes de informação relacionadas a cultura afrocêntrica. Por fim, dispomos das considerações finais que ressaltam a pertinência científica e social da imbricação entre a Ciência da Informação e os Estudos Culturais.

## **2 (RE)VISITANDO A CULTURA NO PRISMA DOS ESTUDOS CULTURAIS**

“A “cultura” é considerada uma das duas ou três palavras mais complexas da nossa língua, e ao termo que é por vezes considerado seu oposto – “natureza” – é comumente conferida a honra de ser o mais complexo de todos.” (EAGLETON, 2005, p. 9). Na contemporaneidade, um dos debates mais diversificados no campo humanístico se referem as acepções sobre a cultura. As atenções se concentram nas complexidades e intersubjetividades que configuram as manifestações políticas, econômicas, sociais, ideológicas e humanas de um ou mais grupos sociais.

Na complexidade inerente ao termo cultura encadeia-se uma abundância de estudos e pesquisas das mais contraditórias nas áreas de Ciências Humanas e Sociais, desde a busca da compreensão do termo até as problemáticas em torno da ‘cultura de massa’ pelas ‘indústrias culturais’ e as articulações da cultura ante as tradições nacionais (MATTELART; NÉVEU, 2004).

A concepção que nos apropriamos nesse estudo coaduna com as reflexões propostas por Eagleton (2005) que partem da noção de natureza. Do latim *colere*, o conceito de cultura transita desde a ideia de cultivar e habitar a adorar e proteger. Seu desdobramento do material para as questões do espírito caracteriza semanticamente a mudança histórica da própria humanidade da existência rural para a urbana. Dessa forma, se a cultura está imbricada as relações entre lavoura e cultivo agrícola, estas suscitam as vicissitudes de regulação e

crescimento espontâneo, isto é, de regras e estas “[...] como culturas, não são nem puramente aleatórias nem rigidamente determinadas – o que quer dizer que ambas envolvem a ideia de liberdade.” (EAGLETON, 2005, p. 13).

É válido destacar que a linha de pensamento da cultura proveniente da natureza não propõe a total similitude dos processos naturais e culturais. Conquanto, exprimimos os aspectos semelhantes entre os conceitos para caracterizá-los e estabelecer as suas peculiaridades. Sobre isso, Eagleton (2005, p. 15) assevera:

[...] a natureza humana não é exatamente o mesmo que uma plantação de beterrabas, mas como uma plantação, precisa ser cultivada – de modo que, assim como a palavra “cultura” nos transfere do natural para o espiritual, também sugere uma afinidade entre eles.

A noção de regulação manifesta o caráter dualista de inclusão e de exclusão (pelos determinismos biológicos, geográficos e históricos), seja pela natureza ou seja pela cultura (LARAIA, 2009). Nessa perspectiva, Jullien (2009, p. 42) afirma que:

De um lado, com efeito, ele conclama à participação e é extensivo: assegura a “comunicação” através das diferenças e não cessa de unir numa mesma circulação. Esse é o comum aberto “senso comum”. Mas, de outro lado, esse comum pode igualmente, fechando-se em suas fronteiras, dispor seus limites na forma de gumes, suas cercas na forma de muralhas. Rechaça então para o vazio – para fora de sua plenitude – aqueles que dela não participam; literalmente, excomunga. Essa é a inversão característica de todos o “comunitarismo”.

No escopo das caracterizações introdutórias acerca da cultura, Laraia (2009) realizou um levantamento das vertentes antropológicas na conceituação desse termo. A análise identificou três teorias idealistas de cultura: (1) cultura como um sistema cognitivo, onde pauta-se na análise de modelos constituídos pelos sujeitos partícipes da comunidade ante

sua própria concepção de universo; (2) cultura como sistemas estruturais, que é atribuído a um sistema simbólico de criação acumulativa da mente humana, ou seja, cultura enquanto uma unidade psíquica; e (3) cultura como um sistema simbólico, que confere um conjunto de mecanismos relacionado ao controle, regras, instruções (regulações para identificação que marcam o dualismo de inclusão e exclusão do cultural) que são demarcadas pelos códigos simbólicos partilhados pelos sujeitos que compõem o grupo cultural.

Em face da complexidade que configura sistemas simbólicos, Geertz, principal pensador da vertente antropológica, concebe o conceito semiótico de cultura:

[...] como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, a cultura não é um poder, algo ao qual pode ser atribuído os acontecimentos sociais, os comportamentos, instituições e processos; ela é um contexto, que pode ser descrito de forma inteligível (GEERTZ, 1978, p. 24).

Os estudos mais recentes sobre a cultura têm como vetor o espólio da filosofia política e moral e a literatura. O “poder purificador” da cultura imbricada à literatura tece a instituição de valores cívicos às classes emergentes a partir do *English Studies*. Sobre isso, Mattelart e Neveu (2004) apontam três importantes nomes nessa roupagem na qual a cultura se apresenta primeiramente: Thomas Carlyle (1795 – 1881), Matthew Arnold (1822 – 1888) e Frank Raymond Leavis (1895 – 1978). Carlyle – considerado o homem das letras, bem como o herói e o intelectual da modernidade – direciona o seu discurso na imprensa como equivalente da democracia e a literatura como um novo parlamento.

Nesse sentido, ocorre o debate em torno do capital literário (fundamento dos *English Studies*), que compreende um conjunto de textos classificados como nacionais que incorporados a uma história nacional se convertem em fonte de espaço político. Arnold, o segundo

nome apresentado, defende o poder humanizante da alta literatura, que esta é capaz de instalar o “espírito da sociedade” às novas camadas sociais. Para isso, arrisca a provar uma aliança entre um estado racional e ativo e as instituições democráticas (as escolas públicas).

Contudo, a consagração dos *English Studies* eclode com Leavis, um dos discípulos de Arnold, oriundo de uma classe baixa que chega à “aristocracia universitária de Oxbridge”. Em 1932, Leavis funda a revista *Scrutiny*, que torna a tribuna de uma cruzada moral e cultural contra o “embrutecimento” praticado pela mídia e pela publicidade. Em suma, as forças do desenvolvimento capitalista nortearam o princípio e ainda alicerçam a reflexão e a análise em torno da cultura.

Para além de suas contribuições, Carlyle, Arnold e Leavis dividem um questionamento sobre o papel da cultura como instrumento de reconstituição de uma comunidade, de uma nação, em face das forças dissolventes do desenvolvimento capitalista (MATTELART; NEVEU, 2004, p. 40).

Para Escosteguy (2010), a origem dos estudos culturais surge no final dos anos 50 com três textos bases: *The Uses of Literacy* (1957), escrito por Richard Hoggart em parte autobiográfico e em parte história cultural do meio do século XX. O segundo texto é *Culture and Society* (1958), escrito por Raymond Williams, no qual abarca a cultura como um modo de vida em condições de igualdade de existência com o mundo das Artes, Literatura e Música. Por fim, *The Making of the English Working-class* (1963), escrito por Edward Thompson, o qual volta o seu trabalho numa parte da história da sociedade inglesa de um ponto de vista particular – a história “dos de baixo”.

As obras de grande influência na consolidação do campo caracterizam seus atores como pais fundadores dos Estudos Culturais. Um quarto nome, registrado em alguns escritos científicos, é o de Stuart Hall que compõe e completa o grupo de estudiosos fundadores, sendo considerado como uma “figura-chave das revistas na nova esquerda

intelectual, Hall exprime também essa distância geracional pelo fato de que sua produção científica só chega à maturidade no limiar dos anos 1970". (MATTELART; NEVEU, 2004, p. 48).

Historicamente, a consolidação e o avanço dos Estudos Culturais ocorreram no *Centre of Contemporary Cultural Studies* (CCCS) na Universidade de Birmingham com o pontapé inicial de Hoggart na crítica aos métodos e instrumentos da literatura para estudo da cultura, bem como da sua aplicação as obras clássicas e aos produtos da cultura de massa. A decolagem científica do Centro se deu no limiar dos anos de 1970, a partir da circulação de *working papers* em 1972 (artigos mimeografados, que formavam uma revista artesanal). Nesse mesmo período eclode a segunda geração de pesquisadores culturais, onde aparecem os nomes de Charlotte Brunson, Phil Cohen, Paul Gilroy, Paul Willis, dentre outros. Essa nova geração, inspirada por pensamentos de Hoggart, conduziu o olhar as formas de sociabilidade operária, pelo qual provocou discussões em torno das relações de gerações, das formas de identidades e de subculturas específicas.

Mediante a expansão das problemáticas culturais sucede a denominada 'mancha de óleo do cultural' com ênfase na cultura no cotidiano. A vinculação dos jovens dos meios populares com a instituição escolar assim como a diversidade de produtos culturais consumidos pelas classes populares são temas de interesse nessa expansão. Outrossim, as questões de gênero referentes à variável masculino/feminino e os aspectos sobre as comunidades imigrantes e o racismo são temáticas que ocupam os interesses de investigação. Nesse cenário, houve a consolidação teórica do campo dos Estudos Culturais, assentada nos conceitos de ideologia, hegemonia, resistência e identidades. A consolidação teórica, por seu turno, recebeu críticas em relação às origens dos teóricos do campo, por muitos deles terem advindo da França, Itália e Alemanha, bem como pela ausência de britânicos no CCCS de Birmingham (HALL, 2009; MATTELART; NEVEU, 2004).

Desse modo, novas configurações contornam os estudos sobre a cultura. A exploração multidisciplinar da área colige diversas vertentes através de múltiplos olhares e métodos de investigação. As múltiplas facetas, agora assumidas, coadunam-se na necessidade do diálogo não pautado na Literatura (como ocorreu no início), ou apenas nas mãos de uma única disciplina, como a Antropologia ou a Sociologia, configurando-se como uma área onde diferentes disciplinas interagem para a compreensão dos aspectos culturais da sociedade (HALL, 2009). Um exemplo visível são as áreas de conhecimento que mais se ocupam com os Estudos Culturais, como as Ciências da Comunicação, juntamente com a Antropologia Cultural que desencadeiam aos estudos as modalidades diferenciais de recepção da mídia por diversos públicos, especialmente no que tange aos programas de televisão, tema que ocupa grande parte das obras de Stuart Hall. Assim, operacionaliza-se o diálogo entre mídia e as identidades sociais.

Nessa nova forma de percepção, Hall explica o reposicionamento dos Estudos Culturais (em 1991), insistindo em amplas temáticas, tais como: (1) a globalização; (2) a fratura das paisagens sociais; (3) a força das migrações; e (4) o processo de homogeneização e de diferenciação (MATTELART; NEVEU, 2004). Nas Ciências Sociais, a exploração da cultura trilha um percurso semelhante aos avanços ocorridos pelos pesquisadores do Centro de Birmingham. Na reflexão sobre a incorporação da cultura nos estudos em Ciências Sociais, Ortiz (2002, p. 27) afirma que:

A tradição das Ciências Sociais, nos seus diversos ramos disciplinares, confinava a esfera da cultura a certos gêneros específicos: na Literatura, à discussão estética; na Antropologia, à compreensão das sociedades indígenas, folclore e cultura popular; na História, à reflexão sobre as civilizações.

A Antropologia volta as suas digressões para análise dos valores modais da identidade dos povos e da História e ao encadeamento dos

artefatos materiais dos universos simbólicos na constituição de uma civilização. Contudo, a diversidade do contexto político, econômico e social de aplicação do campo divergiu quanto aos temas de estudo nos debates mais recentes. Na Europa e na América do Norte, a ênfase estava na questão nacional e na modernidade acerca dos conceitos de multicultural e multiculturalismo (BHABHA, 1998; HALL, 2009). No que diz respeito a América Latina, os estudos circundam a cultura popular pela ausência da modernidade que sobrava na Europa e na América do Norte (ORTIZ, 2002).

Na visão de Cuche (2002), a inserção da cultura nos campos semânticos que não foram frequentados anteriormente, causou uma “defasagem” no uso social do conceito. Exemplo disso são os termos empregues para designar algumas teorizações, como “cultura política”, “cultura dos imigrantes”, dentre outros.

Entretanto, é no predicado semiótico que surge o espaço de discussão interdisciplinar latente aos estudos sobre a cultura, especialmente, nas relações dos sujeitos em seu meio social com ênfase nos processos de comunicação e de informação. Tal vertente direciona às dinamicidades de produção, organização, apropriação, disseminação, acesso e uso da informação em seus diferentes mecanismos e simbolismos que, gradativamente, ocupam mais espaço nas pesquisas em Ciências Sociais Aplicadas, como é o caso da Ciência da Informação. Nesse sentido, nos apropriamos dos debates culturais para cristalizar a abordagem sociocultural da Ciência da Informação.

### **3 A ABORDAGEM SOCIOCULTURAL DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Os debates atuais no campo da Ciência da Informação exploram os aspectos sociais que circundam o fenômeno informacional. Para isso, deve-se considerar as práticas e políticas que orientam o aparelho social e as suas dinâmicas, complexidades, diversidades e intersubjetividades. Ante essa problemática, Araújo (2003, p. 25) afirma que:

A questão da intersubjetividade conformada a partir da informação se torna central para a compreensão dos diferentes planos de realidade, da distinção entre as diferentes formas de conhecimento e dos mecanismos de sua configuração e legitimação. Os sujeitos precisam, necessariamente, ser incluídos nos estudos sobre informação e, sobretudo, precisam ser incluídos em suas interações cotidianas, formas de expressão e linguagem, ritos e processos sociais.

A condição social que orienta os estudos na área da Ciência da Informação deflagra novas formas de percepção do fenômeno, ou seja, a informação enquanto símbolo de conhecimento, comunicação, harmonização, identidade, resistência, produção de sentidos e/ou como matéria-prima dos grupos sociais/culturais. A informação é enaltecida a elemento de equilíbrio da redundância tendo em vista a manutenção, difusão e tenacidade de um sistema (MARTELETO, 2007). Em conformidade com esse pensamento, Castro (2002, p. 2) assevera:

Se o contexto social moderno sustenta-se na força-motor da informação, reconstruída metaforicamente em sociedade de informação, cogitar estabelecer a informação enquanto parâmetro de resistência, e até de sobrevivência, significa identificar seu dispositivo de segurança que, intrinsecamente, se reafirma em redutor de incertezas, como elemento-chave de comunicação e de harmonização do indivíduo com seu mundo, e base do meio jurídico democrático.

Dessa forma, os esforços mais recentes em conceituar e caracterizar a informação destacam a tendência social do campo, como é o caso de Castro (2002), Marteleto (1995, 2007, 2011), Menou (1996), Silva (2006), Almeida (2007), Capurro e Hjørland (2007), Aquino (2009, 2010), Gónzalez de Gómez (2011), Azevedo Netto (2008), dentre tantos outros pesquisadores da área.

O fenômeno informacional perpassa as relações e as ações dos sujeitos nas atividades interativas e comunicacionais, as quais envolvem as complexidades intrassubjetivas do contexto político, econômico e social de onde “fala” o sujeito. Nesse sentido, Gónzalez de Gómez

(2011, p. 29) aponta o uso moderno da compreensão de informação, que se associa à “abordagem representacional, [que] assim, hoje submetida a críticas e reformulações, terá o papel de introduzir a informação na esfera do humano, no contexto do conhecimento e da linguagem”.

Ao relacionar as estruturas cognitivas aos processos humanos dos sujeitos sociais, a informação simboliza conhecimento representado através de estruturas mentais pelas diversas formas de expressão, artefatos e ações. Em outros termos, o pragmatismo informacional que cerca as práticas, interações, dinâmicas estruturais dos sujeitos sociais gravita as tessituras sociais e culturais.

[...] informação não é o produto final de um processo de representação, nem algo transportado de uma mente a outra, ou, enfim, algo a ser retirado do casulo de uma subjetividade, mas uma dimensão existencial do nosso ser no mundo junto com os outros [...]. A informação é precisamente, a articulação de uma compreensão pragmática de um mundo comum partilhado. Esta compreensão *a priori* permanece em grande medida tácita ainda quando a articulamos em forma falada ou escrita, dado que, por nossa finitude, nunca podemos explicitá-la totalmente (CAPURRO, 2003, p. 1).

Para González de Gómez (2011), o viés hermenêutico da Ciência da Informação se apresenta em dois níveis de desenvolvimento: 1) o caráter heurístico: pautado na recuperação da informação; e 2) o caráter histórico e cultural: responsável pela contextualização das ações de informação. Em exploração do segundo nível de desenvolvimento, as acepções que o problematizam devem considerar as especificidades de espaço, tempo, grupo social que fomentam as ideologias, formas simbólicas, aspectos políticos, econômicos, humanos e intelectuais divergentes. Destarte, os novos desafios da Ciência da Informação estariam nas grandes configurações socioculturais

[...] não a partir de uma ontologia cibernética, mas pela efetivação de uma rede interdisciplinar e transdisciplinar ampliada, que permita problematizar a informação na grande escala de espaço temporal, conforme a complexidade e extensão hoje requerida pelos grandes sistemas tecnológicos que sustentam as formas simbólicas de mediação, e os projetos econômicos e políticos dominantes, com suas novas figuras de expansão e mundialização (GÓNZALEZ DE GÓMEZ, 2011, p. 43).

O caráter social emergente cristaliza a relação entre a informação e a cultura. As tentativas de relacionar ambos os conceitos são manifestados a partir de variados termos: cultura informacional, antropologia da informação, sociologia da informação, etc. Seja caracterizados como termos ambíguos (MENO, 1996) ou ainda como conceitos complementares e correlacionados por natureza (MARTELETO, 1995), informação e cultura apresentam-se como uma das mais promíscuas uniões científicas. Nessa perspectiva, Marteleto (1995, p. 2) advoga acerca da relação natural que perpassam os conceitos.

Cultura e informação são assim conceitos/fenômenos interligados por sua própria natureza. A primeira – funcionando como uma memória, transmitida de geração em geração, na qual se encontram conservados e reproduzíveis todos os artefatos simbólicos e materiais que mantêm a complexidade e a originalidade da sociedade humana – é depositária da informação social. Por essa mesma razão, pode ser considerada como a “genoteca” da sociedade humana. Nela, os padrões culturais – religioso, filosófico, estético, científico ou ideológico – funcionam como “programas” ou gabaritos para organização dos processos sociais e psicológicos, de forma semelhante aos sistemas genéticos, que fornecem tal gabarito a organização dos processos orgânicos. Esses padrões representam fontes extrínsecas de informação, em cujos termos a vida humana pode ser padronizada, funcionando como mecanismos extrapessoais para a compreensão, julgamento e manipulação do mundo.

No sentido material entre informação e cultura, Silva (2006) afirma que o campo teórico das “Ciências Documentais” está associado à valorização do potencial intelectual e artístico da humanidade por meio dos documentos. Os documentos, em suas diversas tipologias, são elementos que contêm características culturais. Dessa forma, podemos afirmar que a conservação documental é a conservação patrimonial de um símbolo histórico, de acordo com o seu contexto histórico e cultural de produção. Os artefatos materiais (visíveis e legíveis) são os que podem tornar o passado visível e sustentar o presente de um futuro previsível. Por isso, conservar, guardar, custodiar documentos é uma forma de redescobrir o passado através desses fragmentos que estão dentro dos arquivos, bibliotecas e museus.

Outrossim, o elo entre informação e cultura revela-se na função social dos profissionais bibliotecários, documentalistas, arquivistas e museólogos como agentes de promoção de cultura. Além disso, a ideia de patrimônio que, cada vez mais, assume características de administração estratégica de políticas para a proteção de monumentos/documentos de testemunho do passado histórico, também surge da ideia de cultura. Dessa forma, asseveramos o diálogo interdisciplinar e multidisciplinar da Ciência da Informação com os Estudos Culturais, em que a informação faz uso de teorias culturais, ocorrendo o mesmo às avessas.

A inserção de componentes socioculturais para a percepção do fenômeno informacional indica novas caracterizações as fontes de informação. As fontes de informação, em suas variadas categorias e funções, balizam a complexidade, a intersubjetividade e a diversidade do campo social no qual foram produzidas, organizadas, acessadas. Ademais, cristalizam-se enquanto artefatos materiais e simbólicos (MARTELETO, 2007) que remetem às marcas e vestígios de natureza histórica e social, da ação individual e coletiva do homem no decorrer da sua vida e das suas diversas interações (OLIVEIRA; AZEVEDO NETTO, 2007).

Os pontos supramencionados são os eixos principais dos debates acerca da abordagem sociocultural da Ciência da Informação. Para a abordagem sociocultural da informação novas teorizações, diferentes métodos e estratégias de análise do objeto de estudo são incorporados, como é o caso da concepção da mediação, diferentes planos e modelos de análise, pluralidade metodológica e, especialmente, a noção de construção social que é inerente a toda e qualquer atividade de pesquisa (RIBAS; MOURA, 2006).

Nesse ínterim, nos debruçamos em Marteleto (2011, p. 108-109) quando dispõe os pressupostos teóricos e metodológicos que caracterizam a abordagem sociocultural da Ciência da Informação.

- O estudo do conhecimento e suas formas de construção e apropriação na sociedade como forma política e compartilhada de criar entendimento e encaminhar soluções sobre as condições de vida da população nas práticas de intervenção social;
- A abordagem do conhecimento e da informação no plano local, da cultura, e sua interdependência com o global; os elementos narrativos, da memória e do esquecimento presentes nos modelos de falar e escutar sobre as coisas do mundo vivido;
- O conhecimento como produto social dotado de valor e sua apropriação como matéria informacional pelos movimentos sociais, agentes, organizações civis, para o encaminhamento e resolução de questões práticas e ainda como elemento de valorização e dignidade humana;
- O emprego crítico, teórico e metodológico da noção de redes: a) como conceito teórico para se entender as interdependências entre práticas e representações sociais realizadas por agentes dispostos em ambientes diversos na sociedade; b) como instrumento metodológico, para operacionalizar conceitos e analisar dados; c) como estratégia de ação coletiva para os agentes dos movimentos, grupos e organizações na sociedade.

Destarte, é possível estabelecer as conexões entre as relações étnico-raciais e os estudos da Ciência da Informação por meio da dialógica interdisciplinar e multidisciplinar. Analisar os grupos sociais imersos nas complexidades que permeiam as relações simbólicas

apresenta-se como uma forma de fomentar a visibilidade de um grupo social que, mesmo diante da percepção e reconhecimento dos seus contributos à sociedade e à cultura do povo brasileiro, ainda sofre com ações de preconceito, discriminação e racismo.

No cenário da abordagem sociocultural da Ciência da Informação exploramos as fontes de informação, concernentes a temática étnico-racial, enquanto artefatos enunciadores da cultura afrocêntrica\*.

#### **4 INFORMAÇÃO NAS TESSITURAS CULTURAIS: AS FONTES DE INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAIS**

Os aspectos que contornam as formas de expressão e comunicação dos grupos sociais são diferentes e diversificados. A produção, registro, armazenamento, organização, disseminação, uso e apropriação da informação divergem em detrimento às necessidades e mecanismos que configuram o contexto da manifestação dos processos de informação, os quais desencadeiam as expressões e comunicações que conduzem e caracterizam essas sociedades. Um exemplo são os registros encontrados em paredes de cavernas no período pré-histórico em contraponto ao cenário contemporâneo na revolução da Internet, onde toda a sequência de atividades da produção à apropriação da informação é realizada “nas nuvens”.

Dos desenhos das cavernas até a *internet*, inúmeras têm sido as formas de expressão usadas, no desejo de perenizar ideias e narrar feitos. O conjunto dessas ideias constitui, portanto, a memória cultural da humanidade e, quando elas são disponibilizadas adequadamente, principalmente em coleções organizadas, possibilitam o seu uso e o enriquecimento cultural das sociedades (CAMPELLO; CALDEIRA; MACEDO, 1998, p. 5).

---

\* A cultura afrocêntrica caracteriza-se como um sistema simbólico que concebe aos sujeitos africanos as ações de identificação, afirmação, reconhecimento e apropriação dos elementos materiais e imateriais que compõem o seu legado cultural (ASANTE, 2009; MAZAMA, 2009).

As formas de expressão e comunicação, por sua vez, concatenam os conhecimentos que sustentam e qualificam os grupos sociais em suas manifestações culturais. Partindo da premissa de que os conhecimentos são aprimorados diante das necessidades e recursos oferecidos pelo contexto onde são evocados, concordamos com Silva (2010, p. 24), quando afirma que “todo conhecimento advém de uma fonte de informação”. Retornamos aos conhecimentos já existentes em fontes de informação, seja em suportes físicos ou digitais, para estabelecer novas proposituras, saberes, capacidades e habilidades que despontam como demandas às atividades profissionais, sociais, intelectuais e outras.

A esse respeito, Aróstegui (2006) defende a dialética operante entre a aquisição da informação através dos instrumentos operativos conceituais para a construção do conhecimento, seja histórico (como o explorado pelo autor) ou de outros campos do saber humano. Para tanto, se faz necessário que os princípios positivistas dominantes sejam substituídos tendo em vista atender ao “[...] caráter extremamente amplo e heterogêneo de uma entidade como a que chamamos “fonte””. (ARÓSTEGUI, 2006, p. 491). Assim, as fontes de informação assumem funções e intersubjetividades capazes de exprimir artefatos conjecturantes mediante várias matrizes de conhecimento.

No escopo da Ciência da Informação, a terminologia empregada aos lugares de procedência na seleção, extração e acesso à informação é divergente. Alguns autores atribuem o termo ‘fontes de informação’, enquanto outros utilizam ‘recursos de informação’. Pinheiro (2006) afirma que tal problemática se dá pela imigração de termos da literatura americana da Ciência da Informação que teve como efeito equívocos na tradução e adequação dos termos. Portanto, pela recorrência da expressão ‘fontes de informação’, neste estudo também fazemos uso deste.

As fontes de informação são classificadas em fontes formais e informais (MEADOWS, 1999; PINHEIRO, 2006; SILVA, 2010) que

caracterizam as fontes primárias, secundárias e terciárias (CUNHA, 2001; SAMPIERE; COLLADO; LUCIO, 2006). Todavia, ainda encontramos categorizações ante suas funções, ações e finalidades (CAMPELLO; CALDEIRA; MACEDO, 1998).

Em termos gerais, as fontes formais de informação são as que possibilitam sua inserção em compilações bibliográficas. Claros exemplos são os conhecimentos que podem ser reunidos e apresentados em artigos científicos e/ou livros. (CUNHA, 2001; MEADOWS, 1999; PINHEIRO, 2006). Dessa forma, as fontes informais “dispensam a formalidade de seu registro” (SILVA, 2010, p. 24), como é o caso das cartas, comunicações orais, mensagens eletrônicas, dentre outras.

No intento de coordenação na compreensão e configuração das fontes formais, Cunha (2001) as apresenta – em conformidade com Grogan (1970) – as seguintes categorias:

- a) *Fontes primárias*: apresentam novas informações, interpretações e ideias sobre fenômenos. Os exemplos são os documentos de congressos e conferências, legislação, nomes e marcas comerciais, normas técnicas, patentes, periódicos, projetos e pesquisas em andamento, relatórios técnicos, teses e dissertações, assim como as traduções. Colaborando com essa descrição, Sampiere, Collado e Lucio (2006) afirmam que as fontes primárias ou diretas fornecem dados em primeira mão;
- b) *Fontes secundárias*: consistem das fontes que compilam informações sobre fontes/documentos primários. “[...] São, na verdade, os organizadores dos documentos primários e guiam o leitor para eles.” (CUNHA, 2001, p. 9). Como exemplos podemos mencionar as bases e banco de dados, bibliografias e índices, biografias, catálogos de bibliotecas, centros de pesquisa e laboratórios, dicionários e enciclopédias, dicionários bilíngues e multilíngues, feiras e exposições, filmes e vídeos, fontes históricas, livros, manuais, Internet, museus, herbários, arquivos e coleções científicas, prêmios e honrarias, redação técnica e metodologia científica, siglas e abreviaturas, tabelas, unidades, medidas e estatística. Nesse ponto, Sampiere, Collado e Lucio (2006), em aquiescência com as proposituras

de Cunha (2001), asseveram que as fontes secundárias são compostas por resumos e listas de referências de uma área/campo do conhecimento;

- c) *Fontes terciárias*: têm como propósito sinalizar/indicar as fontes primárias e secundárias, como fazem as bibliografias, bibliotecas e centros de informação. Sobre as fontes terciárias, Sampiere, Collado e Lucio (2006, p. 55) acrescentam:

Trata-se de documentos com nomes e títulos de revistas e outras publicações periódicas, bem como nomes de boletins, congressos e simpósios, sites da Web, empresas, associações industriais e diversos serviços, [...] títulos de relatórios com informações governamentais, catálogos de livros básicos que contêm referências e dados bibliográficos, e nomes de instituições nacionais e internacionais a serviço da pesquisa.

No que diz respeito a funcionalidade, Campello, Caldeira e Macedo (1998) apresentam três distintas funções as fontes de informação, a saber:

- 1) Manifestações intelectuais criativas onde as expressões criadas pelo homem atendem a necessidade de mostrar as suas ideias e sentimentos, como ocorre na literatura, romances da literatura de massa, literatura infantil e juvenil, ficção científica, romance policial, histórias em quadrinhos e a música;
- 2) Formas de registros da informação utilizadas na organização e disponibilização do conhecimento adquirido pelo homem, ou seja, se refere as expressões que aspiram facilitar o intercâmbio de saberes/conhecimentos. Em termos ilustrativos podemos mencionar as enciclopédias, dicionários, textos, impressos e livros didáticos, fontes biográficas, fontes de informação geográfica, jornais, imprensa operária, televisão e vídeo; e
- 3) Unidades de reunião, organização e disseminação da informação, como as bibliotecas, arquivos e museus.

Averiguar as particularidades que estruturam a organização e a classificação das fontes de informação é essencial aos estudos de informação. Contudo, nosso intuito é o de explorar os registros em fontes formais primárias que testemunham e exteriorizam as relações dos/das negros/negras em suas práticas sociais, desde a sua inserção no Brasil para o escravismo até as suas ações contemporâneas no cenário multicultural que configura o século XXI.

Neste intento, recorreremos a Oliveira (2010) quando estruturou um conceito que orienta as vertentes objetivas (materiais) e subjetivas (sentidos) do fenômeno informacional nas relações étnico-raciais: o de informação étnico-racial. O autor define a informação étnico-racial como

[...] todo elemento inscrito num suporte físico, (tradicional ou digital), passivas de significação linguística por parte dos sujeitos que a usam, e tem o potencial de produzir conhecimento sobre os elementos históricos e culturais de um grupo étnico na perspectiva da afirmação desse grupo étnico e considerando a diversidade humana (OLIVEIRA, 2010, p. 56).

O uso do conceito não se restringe a temática étnico-racial, mas é cabível de aplicação para as questões relacionadas ao gênero, identidade, classe social e adjacentes. Mediante o conceito de informação étnico-racial acrescido da concepção das fontes de informação alcançamos o ápice na discussão das fontes de informação voltadas a temática étnico-racial. Sendo as fontes de informação o lugar de procedência de seleção, extração e acesso de informação (PASSOS; BARROS, 2009), caracterizamos as fontes de informação relacionadas aos aspectos étnico-raciais como lugares de ascendência da informação étnico-racial. Tais fontes, quando selecionadas, acessadas e utilizadas, exprimem artefatos históricos, políticos, econômicos e/ou sociais que configuram os grupos étnicos.

Para exemplificar, mais uma vez recorreremos a Oliveira (2010, p. 57) quando explana as tipologias de documentos e entidades

mantenedoras das informações étnico-raciais e, logo, das fontes de informação acerca dos enunciados étnico-raciais:

[...] a documentação legal, os textos didáticos, os manifestos, bibliografias, iconografias, todo material informacional iconográfico e não iconográfico – oral, escrito, digital – oriundo do Governo, das Universidades, das Secretarias Municipais e Estaduais, das ONGs, Movimento Negro, Museus, Arquivos, Centros de Informação etc., produzido com vistas à promoção da igualdade racial na sociedade brasileira e, dentre outras políticas, que tratam e regulam as relações étnicas baseadas na diversidade humana.

Desse modo, as fontes de informação com a temática étnico-racial são constituídas pelos registros documentais que revelam enunciados ideológicos referentes a cultura afrocêntrica, como é o caso das tipologias documentais textuais, imagéticas, sonoras, audiovisuais, cartográficas ou micrográficos em suporte físico e/ou digital mantidos em arquivos, bibliotecas, museus, centros de investigação e páginas *Web*. As informações inscritas nesses documentos podem se referir a aspectos da história, da cultura, da saúde, da educação, do trabalho, isto é, da vida social da população negra tendo em vista a sua identificação, afirmação e reconhecimento no cenário nacional e internacional.

Além de caracterizar a cultura afrocêntrica, as fontes de informação sobre a temática étnico-racial são artefatos potencialmente capazes de fomentar e manifestar os preceitos culturais deste grupo étnico. Nesse sentido, o contato e a apreciação destes registros podem desmoronar entraves que bloqueiam o reconhecimento das manifestações socioculturais da população negra e engendrar novas formas de apreensão dos aspectos que circundam a cultura afrocêntrica. À vista disso, surge a necessidade de preservação da memória de uma cultura que caracteriza, fortemente, a formação da sociedade brasileira.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Estudos Culturais e a Ciência da Informação provocam as discussões mais complexas no campo das Ciências Sociais. As dimensões simbólicas e técnicas que perpassam o fenômeno informacional e, conseqüentemente, as fontes de informação voltadas a temática étnico-racial desvelam artefatos capazes de exprimir os enunciados que configuram a formação social, cultural, bem como a história, a educação, a saúde, o lazer, o trabalho e outros aspectos relacionados a população negra e a cultura afrocêntrica.

Sendo assim, a adoção pela abordagem antropológica que permeou toda a reflexão possibilita desvendar, além da vertente operacional da Ciência da Informação, as perspectivas de cunho sociocultural.

A partir da ênfase na abordagem sociocultural da Ciência da Informação nos defrontamos com as problemáticas étnico-raciais e a pertinência das fontes de informação para a percepção e apropriação dos elementos socioculturais manifestados pela população negra na sociedade brasileira. Para caracterizar as fontes de informação com a temática étnico-racial partimos do conceito de informação étnico-racial e, posteriormente, o correlacionamos com o conceito de fontes de informação. Nesse contexto, as fontes de informação relacionadas a temática étnico-racial dizem respeito aos lugares de ascendência da informação acerca da população negra e de outros grupos étnicos, pelo qual alcançamos o objetivo proposto neste estudo.

As fontes de informação com a temática étnico-racial são instrumentos para minimizar as práticas de discriminação, inferiorização e invisibilidade da população negra na sociedade brasileira. O contato e apreensão dos elementos culturais presentes fomentam a construção do conhecimento crítico sobre a composição da sociedade multicultural brasileira e o reconhecimento das distintas raças que caracterizam esta população.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marco Antônio. Informação, cultura e sociedade: reflexões sobre a Ciência da Informação a partir das Ciências Sociais. In: LARA, Marilda Lopes Ginez; FUJINO, Asa; NORONHA, Daisy Pires. **Informação e contemporaneidade**: perspectivas. Recife: Néctar, 2007. p. 96-118.
- AQUINO, Mirian de Albuquerque. **Memória da ciência**: a (in)visibilidade dos (as) negros (as) na produção do conhecimento da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: UFPB, 2009. Projeto de Pesquisa Curso de Bacharelado em Biblioteconomia.
- AQUINO, Mirian de Albuquerque. Políticas de informação para a inclusão de negros afrodescendentes a partir de uma nova compreensão da diversidade cultural. **Inclusão Social**, Brasília, v. 3, n. 2, p. 26-37, jan./jun. 2010.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. A ciência da informação como ciência social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003.
- ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica**: teoria e método. Tradução Andréa Dore. Bauru: EDUSC, 2006.
- ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre um posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier. Preservação do patrimônio arqueológico: reflexões através do registro e transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 37, n. 3, p. 7-17, set./dez. 2008.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- CAMPELLO, Bernadete; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amália Amarante (Org.). **Formas e expressões do conhecimento**: introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. Tradução de Ana Maria Rezende Cabral et al. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. Tradução Ana Maria Pereira Cardoso, Maria da Glória Achtschin Ferreira, Marco Antônio de Azevedo. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.

CASTRO, Ana Lúcia Siaines. O valor da informação: um desafio permanente. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, jun., 2002.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, Murilo Bastos. **Para saber mais**: fontes de informação em ciência e tecnologia. Brasília: Briquet de Lemos, 2001.

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. Tradução de Sandra Castelo Branco. São Paulo: UNESP, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Tradução de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GÓNZALEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Dos estudos sociais da informação aos estudos do social desde o ponto de vista da informação. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque (Org.). **O campo da ciência da informação**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2011. p. 29-48.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

JULLIEN, François. **O diálogo entre as culturas**: do universal ao multiculturalismo. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 23. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MARTELETO, Regina Maria. Conhecimento e sociedade: pressupostos da Antropologia da Informação. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque (Org.). **O campo da ciência da informação**. João Pessoa: UFPB, 2011. p. 105-116.

MARTELETO, Regina Maria. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 1-8, 1995.

MARTELETO, Regina Maria. O lugar da cultura no campo de estudos da informação: cenários prospectivos. In: LARA, Marilda Lopes Ginez; FUJINO, Asa; NORONHA, Daidy Pires (Org.). **Informação e contemporaneidade**: perspectivas. Recife: Néctar, 2007. p. 13-26.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004.

MAZAMA, Ama. A afrocentricidade como um novo paradigma. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Tradução Antônio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MENOU, Michel J. Cultura, Informação e Educação de profissionais de informação nos países em desenvolvimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 1-10, 1996.

OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire; AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier. Artefatos como elemento de memória e identidade da cultura popular: um olhar sob a perspectiva da arqueologia social. In: FECHINE, Ingrid; SEVERO, Ione (Org.). **Cultura popular**: nas teias da memória. João Pessoa: Ed. UFPB, 2007.

OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de. **Afrodescendência, memória e tecnologia**: uma aplicação do conceito de informação étnico-racial ao projeto "A Cor da Cultura". 2010. 138 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

ORTIZ, Renato. As ciências sociais e a cultura. **Tempo Social**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 19-32, maio, 2002.

PASSOS, Edilenice; BARROS, Lucivaldo Vasconcelos. **Fontes de informação para a pesquisa em direito**. Brasília, Briquet de Lemos, 2009.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Fontes ou recursos de informação: categorias e evolução conceitual. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-5, 2006.

RIBAS, Adriana Ferreira Paes; MOURA, Maria Lúcia Seidl de. Abordagem sociocultural: algumas vertentes e autores. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 129-138, jan./abr. 2006.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução  
Alain François et al. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

SAMPIERE, Roberto Henandez; COLLADO, Carlos Fernández; LÚCIO,  
María Del Pilar Baptista. **Metodologia da pesquisa**. 3. ed. São Paulo:  
McGraw-Hill, 2006.

SILVA, Armando Malheiro. **Informação**: da compreensão do fenômeno  
e construção do objeto científico. Porto: Afrontamento, 2006.

SILVA, Leyde Klébia Rodrigues. **Fontes de informação na web**: uso e  
apropriação da informação como possibilidade de disseminação e  
memória do Movimento Negro no Estado da Paraíba. 2010. 77 f.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) -  
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

## Title

Cultural studies and information science: information fonts with the ethnic-racial  
thematic

## Abstract

**Introduction:** Information is a social, historical and cultural phenomenon that  
demands an interdisciplinary approach for better understanding of its  
fundaments and practices. On the other hand, the scientific character of  
information is concentrated in Social Science field. The area also incorporates  
issues related to the sociocultural dynamics present in Information Science.

**Aim:** The aim of this study is to establish the theoretical and practical link  
between Information Science and Cultural Studies to characterize the  
information fonts related with the ethnic-racial thematic.

**Methodology:** Thus the research performed a literature review in the areas of  
Information Science, Cultural Studies, Sociology, Anthropology and Philosophy.

**Results:** The result of this interdisciplinary application highlights the information  
as a cultural artifact capable of expressing symbolic elements of the producer  
social group.

**Conclusion:** As the effect of theoretical digression, we emphasize the  
prominence of the sociocultural approach of Information Science to in order to  
minimize the racist practices on behalf of the black population.

**Keywords:** Information science. Cultural studies. Sociocultural Approach of  
information science. Information fonts. Ethnic-racial. Black population.

## Titulo

Entre los estudios culturales y la ciencia de la información: fuentes de  
información con la temática étnico-racial

### **Resumen**

**Introducción:** La información, como un fenómeno social, histórico y cultural, demanda la aplicación interdisciplinaria para una mayor y mejor comprensión de sus fundamentos y prácticas. Sin embargo, su espacio de cientificidad se concentra en las Ciencias Sociales, incorporando cuestiones relacionadas con la dinámica sociocultural y los estudios de la Ciencia de la Información.

**Objetivo:** El objetivo do estudio es o de establecer la unión teórica y práctica entre la Ciencia de la Información y los Estudios Culturales para caracterizar las fuentes de información relacionadas con la temática étnico-racial.

**Metodología:** Para esto, nos recorreremos a la revisión de la literatura en las áreas de Ciencias de la Información, Estudios Culturales, Sociología, Antropología y Filosofía.

**Resultados:** El resultado de esta aplicación interdisciplinaria destaca la información como un artefacto cultural capaz de expresar los elementos simbólicos del grupo social productor.

**Conclusión:** Como efecto de la digresión teórica, hacemos hincapié en la preeminencia del enfoque sociocultural de la Ciencia de la Información para reducir las prácticas racistas a la población negra.

**Palabras clave:** Ciencia de la información. Estudios culturales. Enfoque sociocultural de la ciencia de la información. Fuentes de información. Étnico-raciales. Población negra.

Recebido em: 23.02.2014

Aceito em: 18.02.2016